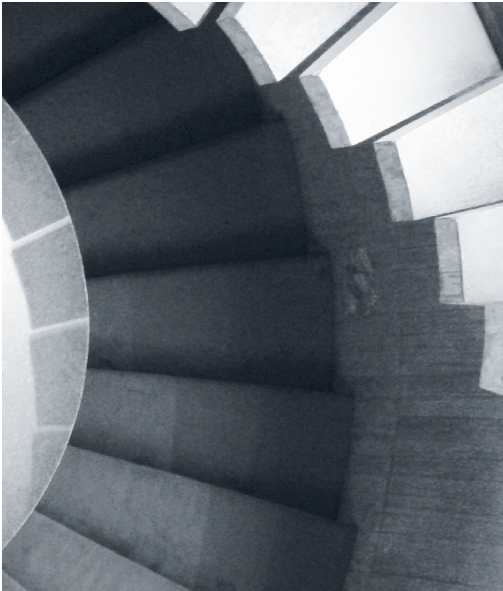


Editorial



O volume 41 da Junguiana chega em um momento no qual ocorre um evento de percepção, na consciência coletiva, da presença da inteligência artificial no nosso cotidiano. O impacto do lançamento do ChatGPT tem gerado debates em torno dos efeitos positivos e negativos da tecnologia, indo da substituição do humano a sua redenção, do temor ao fascínio, oscilando entre a tecnofobia e a tecnofilia. Sabendo da importância do diálogo entre os opostos, de suportar a tensão e criar nova possibilidade, nós seguimos apostando na criatividade dos autores que se dedicam a refletir sobre a subjetividade e a cultura no campo da psicologia junguiana. Assim, a revista tem promovido a discussão da alteridade, das mais diferentes formas, nas mais variadas relações “eu-outro” e, acreditamos que, na relação humano - máquina, esta discussão é extremada, atual e necessária.

No ano passado, em função da comemoração dos 40 anos da revista, honramos nossa história com um fascículo especial no qual foram reeditados artigos esgotados selecionados por membros e *trainees* da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA). Neste ano, também editaremos três fascículos pois, sistematicamente, a editoria se vê envolta com novos desafios e busca meios para atender aos anseios identificados na SBPA e entre nossos leitores; desta forma, as reedições foram ampliadas de artigos publicados originalmente pela Junguiana para contemplar também artigos publicados em outros meios, quer sejam *blogs* ou revistas.

Este instigante primeiro fascículo do volume 41 foi composto por artigos originais e inéditos. Começamos com “A intencionalidade das decisões e das escolhas: liberdade é escolher Deus” que propõe o entendimento do fenômeno da intencionalidade em sua interação com fundamentos inconscientes, apontando para uma variedade de realidades aleatórias que convocam e atuam como co-condutores do processo de individuação dos indivíduos e da humanidade.

Em “A pele da terra”, somos sensibilizados para a situação ambiental do planeta mediante a aproximação da psicologia analítica, da linguagem simbólica e do conhecimento dos indígenas da etnia yanomami.

Contamos, também, com artigos que estabelecem aproximação e diálogo com a literatura. Em “R. L. Stevenson – o contador de histórias e a colheita dos sonhos”, encontramos reflexões frutíferas sobre o mundo onírico e o processo criativo literário cotejando o ensaio: um capítulo sobre o sonho de R. L. Stevenson e as ideias de Jung sobre sonhos, psique e criatividade.

“A Autoestrada do Sul: movimento e paralisação” debruça-se sobre o conto de Julio Florêncio Cortázar, observando as relações entre sombra e *persona* nos desafios da vida contemporânea e na realização da profunda necessidade de contato em tempos de isolamento e paralisação.

“Anima e *animus* – amizade e individuação” realiza a análise simbólica de 30 anos de correspondência entre Clarice Lispector e Fernando Sabino e reflete sobre como a amizade entre um homem e uma mulher pode ser propulsora do processo de individuação de ambos.

Seguimos com “Escritas que curam: complexo racial e narrativa memorialista” que analisa o romance “Becos da memória” de Conceição Evaristo, destacando a interligação entre (a) memória individual e a coletiva impactadas pelos efeitos traumáticos decorrentes do aniquilamento das memórias dos afrodescendentes em função

do colonialismo. Ao considerar a dimensão simbólico-arquetípica, a autora enfatiza a importância das narrativas memorialistas para a transformação do complexo racial tal como ele se apresenta na cultura brasileira.

“África, o fio: sobre a presença ancestral no inconsciente” aprofunda o sentido de ancestralidade na África de acordo com o filósofo ganense Kwase Wiredu e a noção de “complexo ancestral” em Jung, resultando, nas palavras da autora, numa “comunicação transcultural” entre o pensar tradicional africano e o pensar junguiano.

Finalmente, “O enviado do céu: defesas contra a desideali-

zação” investiga as defesas contra a desidealização da imagem de um filho neuroatípico, trazendo à luz experiências de paternidade atípica e o anseio de negar o patologizar em benefício da transcendência.

O conjunto destes artigos resultou num fascículo sensível às questões contemporâneas que povoam a cultura brasileira e a realidade do trabalho clínico. Esperamos que ele possa capturar o interesse dos nossos leitores para continuarmos no caminho de ampliação do campo de diálogo na psicologia analítica.

Boa Leitura!

Editoras